

Direcção: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

A liberdade de consciência

Uma das supostas conquistas modernas que mais exaltadas são aí nos periódicos, nos comícios e nos parlamentos, é a liberdade de consciência.

A julgar pelos encómios tam entusiásticos que lhe fazem os liberais e todos os que não são católicos, parece que esta liberdade só foi conhecida e efectivada em nossos dias. Pois, se o leitor ainda o não sabia, fica-o sabendo agora: a liberdade de consciência é tam antiga como o Evangelho, tam antiga como o Cristianismo, tam antiga como a Igreja católica.

Quem primeiro proclamou esta liberdade com toda a clareza e como um direito insofismável, foi o Remidor dos homens, foi Jesus Cristo. Ao mesmo tempo que vai ensinando os mistérios mais abscónditos e estabelecendo os preceitos mais mortificadores, apela para a consciência de cada um de seus ouvintes e deixa-lhe a plena liberdade de crer ou não crer o que lhes ensina, de seguir ou não seguir o que lhes preceitua. «Se crederdes, sereis salvos; se cumprirdes os meus mandamentos, tereis a vida eterna».

Os motivos com que procura levar o povo a aceitar as verdades incompreensíveis que lhe revela, e a obtemperar aos preceitos tam árduos que lhe ordena, são absolutamente morais.

A sanção da doutrina cristã é essencialmente diversa da que está ligada às leis humanas. No Evangelho não há penalidades físicas para os que o não queiram aceitar nem para os que o não observem na sua íntegra. E a Igreja católica, continuadora e perpetuadora da santa missão de Jesus Cristo cá na terra, tem sido em todos os tempos a mais intrépida defensora da liberdade de consciência.

Aí estão no seu agiologio milhões de mártires a atestar que fora do grémio da Igreja nunca houve quem propugnasse com tanto ardor e com tal heroísmo essa bendita liberdade.

Os liberais de vários matizes aforam-se em arautos e paladinos da liberdade de consciência, mas geralmente não formam dela um verdadeiro conceito ou defendem-na apenas hipócritamente. Hajam vista os nossos republicanos mais avermelhados. Dizendo-se amantes e apóstolos da liberdade de consciência, aboliram o ensino religioso nas escolas, proibiram as manifestações religiosas, aposaram-se dos bens eclesiásticos pela força, etc.; mas, apesar disso, não consentem que se fale contra a república, nem contra as piores leis que ela tem promulgado.

A república é imposta como um sistema governativo de cujas maravilhosas virtudes ninguém pode duvidar, sem incorrer no desagrado dos seus partidários. Podemos falar contra a Igreja católica, cuja existência é já dezanove vezes secular; podemos falar contra Jesus Cristo, que é a figura mais luminosa da história, negando a sua existência ou a sua divindade; podemos negar abertamente as verdades mais respeitáveis da religião natural. Ninguém dos republicanos nos perseguirá por isso. Cada um pode ser protestante, maometano, judeu, ateu, materialista ou agnóstico e fazer propaganda em harmonia com as suas ideias. Por isso ninguém o incomodará. O que lhe não é permitido é falar contra a república nem contra o seu profeta, o sr. Afonso Costa.

Na opinião dos nossos republicanos mais façanhudos não há nada mais venerável, mais sagrado,

mais santo que a forma republicana. O único governo, cuja excelência não pode ser posta em dúvida, é o republicano. Nisto todos havemos de concordar, ao menos externamente, se não quisermos ser enxovalhados, caluniados e perseguidos.

E aqui está a liberdade de consciência que os republicanos nos dão.

Se não pensarmos como eles, se não dissermos *amen* a quanto fizerem e disserem, embora seja um enorme disparate, estejamos de sobreaviso, que, quando menos o esperarmos, havemos de ser avexados, maltratados ou processados.

P. A.

CARTA ABERTA

a Rodrigo Pimenta

Meu querido amigo:—Acabo de ler a carta que te dirigem na *Alvorada* que me chegou hoje aqui a casa, e apresso-me a escrever-te para, escudado na experiência da vida, nas desilusões sofridas e no reconhecimento pleno da completa inutilidade de sacrificios, te dizer que ponhas ponto à questão e não discutas com quem não sabe discutir. A carta que te dirigem e que é a resposta a uma que escreveste há dias, não me assombrou, não me espantou, não me surpreendeu: revoltou-me pela petulância, pela maldade, pelo impudor.

Basta! meu querido Rodrigo. Não foste feito para te ferires nas arestas do caminho; e a tua ingenuidade é santa de mais para entrar em luta, com os que, falhos de escrúpulos e cegos de faciosismo, tudo esquecem, tudo põem de parte, para ferirem apenas, para magoarem apenas. Eu estou aqui a sentir o nojo da tua alma, da tua alma que é perfeita como as almas perfeitas; estou aqui a sentir a repugnância do teu espírito que é simples, sincero e nobre. Julgavas-te caminhando em estrada plena e descoberta, e encontras-te, de repente, no meio de encrusilhadas sombrias e ocultas. Não marches mais! Poupa-te o desgosto que a Maldade alheia te está preparando, forjando insinuações, entretecendo armadilhas, cercando-te de surpresas e manhas, procurando vencer-te por processos indignos de ti e do que a ti te deves.

Basta! Eu sei que vieste à estacada por amor de mim, revoltado porque uns trocatintas aplaudem uma miserável vingança política praticada por quem não sabe nem pode defrontar-se commigo de

maneira diferente que não seja o tirar-me o pão com que eu sustentava os meus filhos. Eu sei que foi isso o que te trouxe a público, enojado por me veres sofrendo enquanto os outros, os que na hora amarga do ostracismo, vivem comodamente de bem com Deus e de bem com o diabo, hoje impam de felizes e de vencedores. Eu sei... Mas tem paciência e não discutas mais. E's lial em excesso. E o teu coração é tam isento de maldade, é tam puro,—que eu me arripio todo ao pensar que outros lhe vão atirar punhados de lama e o vão insultar com palavras de galdéria...

Basta, meu querido Rodrigo. Deixa-os commigo e sós commigo, que eu ainda tenho forças para eles todos, desde o chefe da tropa, sábio falido e financeiro de moeda fraca, até ao mais insignificante dos serventuários. Deixa-os commigo. Já tenho o braço afeito a estas pugnas, e o espírito habituado a estes dissabores. E quando às vezes o nojo me invade, fujo para minha casa e no meio dos meus livros ou no meio de meus filhos—o desprezo que eu sinto por toda essa fraudulagem que pretende morder-me, nem tu sabes como é grande! Tens uma filha! Vive por ela e para ela. Os outros, esses a quem tu porventura abriste um dia o teu coração e que do conhecimento que do teu coração teem se aproveitam para o ferir e o matar—esses, a esses vota-os ao mais completo desdem, ao mais orgulhoso desprezo...

Na vida e na morte, amigo certo e irmão lial

Alfredo Pimenta.

A unha e a dente

A canzoada ladra

Tôda a gente que tem lido o nosso modesto jornal sabe perfeitamente que, desde o seu início, temos estado em guerra aberta com a canalha que pretende avasalar a nossa linda terra, uma canalha, sem nome e sem proveniência, que tôda a gente desconhecia mas que agora vai saindo da casca como o pinto do ovo prematuramente picado.

São uns *tagatés* em política,

uns *arrifonhas* em discussão, uns bifrontes na imprensa, uns inconscientes no procedimento, mas querem alardear de *grandes coisas* e querem *botar figura* neste meio pequeno onde todas as pessoas são conhecidas.

Desconhecedores dos processos liais de combate, eles recorrem aos *últimos extremos*, à sua própria essência, a lama pútrida e infecciosa que lhes escorre do

corpo imundo, e veem salpicar-nos com essas escorrências, julgando—os insensatos!—que nos emporcalham.

Nada disso.

Estamos à prova de todas essas porcarias e de todas essas imundícies, porque—foi uma coisa de que nos prevenimos desde o princípio, porque já sabíamos a *ralé* com que tínhamos de defrontar-nos,—temos muita quantidade de desinfectantes de que fazemos uso todos os dias, e mais de uma vez ao dia.

Nunca lemos o *Trapo* sem nos desinfectarmos quando pegamos nêle e quando o largamos.

Por isso, quando nos chegou o da última quinta-feira, levamo-nos muito bem lavados com sublimado a 1/1000, pegamos nêle e lemos.

O *Trapo* vem delicioso desta vez.

A' parte outras coisas, especializámos o ataque que nos faz para atingir mesmo em cheio o cidadão, que nós muito presamos e estimamos, sr. Rodrigo Pimenta, por que este, para desafrontar o seu muito querido irmão de umas ofensas que o *Trapo* dirigiu ao seu carácter impoluto de cidadão honesto, que só tem contra êle o crime de se não ligar à horda infame e abjecta que pretende aniquilar este país, que é de nós todos os portugueses, e que nós todos temos o dever de defender até ao último alento, até à última gota de sangue, quer tentem exterminá-lo os inimigos estrangeiros, quer sejam mesmo os adeptos da camarilha afonsista, solicitou espaço nas nossas colunas para a publicação dos seus escritos.

Sobre este ponto devemos distinguir—por nós e pelo sr. Rodrigo Pimenta.

Nem nós estamos emparceirados com este cavalheiro nem êle o está connosco.

O sr. Pimenta, pessoa a quem nunca deixamos de prestar a consideração e o respeito que merece pelos seus preciosos méritos—que da parte de lá não há e é o que os arrelia—segue, muito naturalmente, uma política que mais se amolda à sua maneira de pensar e ao seu génio cordato, conciliador e humanitário, com o que nada temos, pois quando fundamos este jornal não nos propusemos apregoar ou defender este ou aquele credo político, nem até hoje, e assim continuaremos, nos filiamos ou nos curvamos a qualquer partido.

Somos absolutamente independentes; por isso o sr. Pimenta está em campo livre, deve estar mesmo à vontade nas nossas colunas porque é um bem intencionado e não há pessoa alguma com boas intenções que não deseje o que nós queremos, que não fale como nós temos falado e que não aprecie como boas as doutrinas que aqui temos defendido.

As provas disso temo-las, incontáveis e indestrutíveis, no nosso escritório guardadas como reliquias, porque são uns diplomas honrosos que nos demonstram, duma forma bem clara e bem nítida, que nós vamos por bom caminho, pois, muito embora desagrademos à fraudulagem que nos odeia, acompanhamos muito de perto a opinião dos homens de bem, daqueles que teem que perder.

Nós, por nosso turno, também estamos muito bem, muito à nos-

sa vontade com os escritos do sr. Rodrigo Pimenta insertos nas nossas colunas porque é, muito longe de ser um tráfuga como muitos despeitados para ai lhe chamam, está no mesmo campo de princípios onde sempre o encontramos, segue a mesma linha de conduta que sempre lhe conhecemos e não deslizo nem um ápice do caminho que o vimos trilhar quando nos decidimos a entrar neste vasto campo da imprensa.

O sr. Rodrigo Pimenta está, pois, no seu lugar defendendo os princípios que abraça e combatendo a demagogia infrene da sua terra, e nós estamos também no nosso lugar dando publicidade aos seus escritos porque ainda hoje nos lembramos do que sucedeu em Guimarães no mês de Agosto de 1911, quando no final das festas «Gualterianas» uma corja abominável escalou alguns prédios roubando e queimando as bandeiras que os ornamentavam, com o único pretexto de terem as côres azul e branca, e de que enquanto alguns republicanos aplaudiam publicamente a nojenta façanha e outros se conservavam em silêncio, foi ele o único republicano militante, o único entenda-se bem, que em um acto oficial—em uma reunião da direcção da Associação Commercial—lavrou um enérgico e veemente protesto por tam requintada selvageria.

O sr. Rodrigo Pimenta está, pois, evidentemente no mesmo campo em que sempre o encontramos, que é o campo da humanidade, da ordem, da justiça e da moral, e, decerto, se veio a nós para lhe publicarmos os seus escritos, é porque viu que nós também nos encontravamos ainda no campo que primitivamente traçamos, e que é bem conhecida, e que se o caminho que trilhamos não é positivamente o mesmo que ele trilha, corre-lhe todavia paralelo, pois os princípios que defendemos são os que lhe temos visto defender abstraindo o campo político partidário.

No aranzel do *Trapo* que dá motivo a estas palavras, e que é intitulado, *Os processos da malta*, há ridiculo de café e insultos de colareja.

O ridiculo é para o sr. Pimenta e os insultos são para nós.

Ao primeiro não respondemos porque nem o sr. Pimenta no-lo consentiria, nem nos cumpre a nós fazê-lo; e aos segundos recebemo-los como vindos de quem vem, porque de burros não se podem esperar beijos mas sim algumas patelhas de coices.

Ora saindo o aranzel de um latrinário e imundo papel como é o *Trapo*, é claro que não devíamos esperar senão imundícies, porque cada um só pode dar aquilo que tem.

E o *Trapo* é capaz de dizer, muito ancho como qualquer reles regateira, em voz aflautada:

—Quem dá o que tem não é mais obrigado!

Mas isto já vai longo e os outros colaboradores também precisam de espaço.

Concluiremos.

Carmino.

Em guarda!

Pessoas que muito me estimam, dão-me o conselho amigo de votar o mais absoluto desprezo aos que sem categoria mental e sem a lialdade são dos bem intencionados, pretendem envolver-me nas malhas duma polémica que a ninguém dá proveito.

Mas aquelas palavras de Ibsen: «On n'aime pas à se taire avant d'avoir dit tout se que l'on a à dire», animam-me a vir para este lugar, com a serenidade própria de quem se sabe dominar, e não se deixa cair no uso democrático-afonsista de responder a um ataque lial com duas arrieiradas.

Cá estou, pois, leitor amigo, a pôr em ordem o que desordenadamente de mim diz A. L. de Carvalho.

A deliciosa epistola d'este senhor afonsista, tende a demonstrar que eu, antigo entusiasta das ideas avançadas, estou agora conservador, apologista da ordem, o que no entender do emérito jornalista é uma fraquesa imperdoável. Ora é preciso ser-se ignorante dos quatro costados, ou faccioso de profissão, para apresentar tal argumento como comprovativo duma fraquesa que nunca existiu. A. L. de Carvalho é incapaz de compreender, como um espírito ávido de saber, naturalmente marcha à procura duma guarida espiritual em que se acoste. Sim, é certo, que eu, há dez anos, apesar de distante dos meios escolares superiores, eu, sentindo dentro de mim uma ânsia enorme de conhecer até onde possível me fosse, as correntes de ideas que impetuosamente atravessam o campo do espirito humano, quis conhecer de facto, as ideas mais avançadas, desde as teorias falsas dos sociólogos avariados, até às conclusões doentias dos filósofos mais transcendentes.

Não me bastavam as criticas dos jornais a esta ou àquella corrente doutrinária. Eu quiz saber o que pensavam Jean Grave, Charles Malato e Sebastien Faure, eu quiz conhecer os estudos de Kropotkine e Bakounine, o neo-cristianismo de Tolstoi, as absolutas aberrações de Schopenhauer, do Stirner e um pouco do Hegel. Tudo isso me entusiasmou, me prendeu durante alguns anos a inexperiente e infantil mentalidade.

Como extranhar pois, as conversas com A. L. de Carvalho durante esses anos de leituras extravagantes e doentias? Acaso eu estudava essas teorias com fins reservadamente interesseiros? Depois, o meu espirito foi marchando, e felizmente essas estranhas doutrinas não me desentortaram, não me anemisaram. Não parei. Fui procurando, procurando conhecer mais e mais. Desviei as minhas atenções para o materialismo alemão que Buchner e Haeckel representam. Li com entusiasmo *La Descendance de l'Homme* do immortal Darwin. Li Huxley, li Vogt, li o profundo Spencer, admirei os trabalhos dessa grande mulher Clemence Royer, passei dias inteiros sobre as Cartas pedagógicas do já citado Tolstoi, fiz por compreender o que pude do consciencioso trabalho de Issaurat sobre a história da pedagogia que é o melhor trabalho no género. Nessa utilíssima obra, nós temos acasão de analisar os principios da pedagogia desde a antiga Grécia, com Platão, Aristoteles e Epicuro, e muitos outros, ficamos sabendo o que nesse ramo da sciencia educativa pensaram Rabelais, Montaigne, Bossuet, Locke, Fénelon, Rousseau, d'Alembert, Condillac, Helvetius, Diderot, Voltaire, etc., etc.

Pestalozzi, Kant, Froebel, Madame Necker de Saussure, Saint-Simon, Fourier e muitos mais, não são estranhos a quem leu com todo o amor do saber, essa obra admirável! Pois bem; eu passei por toda essa luta de querer conhecer, e enquanto os rapazes do meu tempo e da minha idade se embriagavam, e se prostituíam no jôgo e na ruela, eu empregava todos os esforços para saber mais alguma coisa que os *jornalistas afonsistas*, então no chôco.

Vim caminhando, caminhando, e hoje com alguma experiência da maldade dos homens e da ambiciosa má fé de muitos, eu defendo a tolerância politica, a tolerância religiosa, o respeito a quem o merece, a delicadesa nas palavras, o aprumo nas discussões.

A. L. de Carvalho, a quem eu disse em boa paz, sem o ferir, umas verdades serenamente di-

tas e por ninguém desmentidas, ataca-me, recordando as nossas conversas de há anos, de rapazes, em que ambos aprendiamos alguma coisa!

Diz que eu defendi o Sr. Afonso e o *Mundo*, não reparando que no tempo da opposição nós éramos pela República e por todos os que por ela trabalhavam sem distincção de ninguém, mas que agora em pleno regimem republicano, nós, vendo o procedimento de certos homens que nos governam, não podíamos cobardemente aplaudir (só porque estão no poder) aqueles que, traíndo os seus principios, estão transformando esta República num regimem sectário, perseguidor, intolerante, e atentatório de todos os direitos humanos.

Incoerência existe, nos que insultavam o Sr. Afonso Costa quando na opposição e agora o incensam só porque pôde dar empregos. E dessa gentinha tem A. L. de Carvalho de sobra no seu partido... Quando me dirigi a A. L. de Carvalho, sempre julguei que o iria encontrar a combater-me com a lialdade e educação que sempre lhe conheci. Enganei-me. Ele aparece-me com intuitos reservados, com muitas reticências a recordar as nossas infantilidades que nos honram, e a esquecer as provas de solidariedade que sempre e honradamente, lhe dei. Quando A. L. de Carvalho recusou a cadeira de vereador que o Governador Civil lhe oferecia, disse deante de muita gente que estava autorizado a tornar público que eu só aceitaria esse cargo ao lado dele e que visto a sua recusa, a minha era evidente.

Isto não recorda sua senhoria. Antes, envenenadamente, diz que nessa ocasião, eu não lhe prestára essa boa prova...

Defeitos próprios de quem bebe a água democrática do Congresso Afonsista de Braga. Mas deixemos A. L. de Carvalho e de vez, com o seu veneno e o seu afonsismo. Pôde ele estar certo de que não mais falarei nesta questão.

Continue, que vai bem.

Eu sei que amanhã éle vai servir-se da citação que faço de muitos escritores, filósofos e pensadores illustres, para me dar mais uma envenenada amostra do seu democratismo.

A sua alma que nunca vibrou com a leitura dos *Châtiments* do Hugo, ou com os poemas divinos do suave Michelet, no seu *L'Amour, Nos Fils, La mère, Le Peuple*, etc., a sua alma de jacobino da última hora, não me concede o direito de afastar para longe as erradas teorias avançadas que me enchiam o cérebro, para abraçar as modernas correntes científicas que Gustave le Bon, Poincaré e Dantec tam brilhantemente impuzeram à consideração do mundo intelectual.

A. L. de Carvalho desconhece profundamente tudo isto que agita lá fora os espiritos mais cultos. Desconhece estas palavras cheias de verdade que a pag. 105 de *La Psychologie Politique*, Gustave le Bon escreve:

«Personne n'ignore que l'homme désireux de réussir dans la vie doit refaire tout seul son instruction et consacrer la seconde partie de son existence à détruire les illusions, les erreurs et les modes de penser acquis dans la première».

A. L. de Carvalho ignora-o. E por isso mesmo A. L. de Carvalho fez charlatanice jornalística.

Se A. L. de Carvalho tivesse queimado as pestanas, estudando e assimilando, abraçado outras leituras que não fôsem os artigos verrinosos do *Mundo* não viria para a imprensa demonstrar a sua ignorância e a sua *gaucherie*.

Se depois de ter procurado conhecer as várias correntes doutrinárias que hoje existem, e tivesse vindo como eu vim, das teorias mais avançadas às mais

positivas e serenamente científicas, A. L. de Carvalho não seria o que hoje é, defensor dum partido que tem a desordem por base e o ódio por fim. O medo, o ódio e a inveja, são os três pilares sobre que assenta a acção partidária do afonsismo. E A. L. de Carvalho que até agora muitos supunham ser partidário da Ordem, da Tolerância e do respeito, aparece-nos tal qual se vê. Que lhe preste.

Vamos agora ao Alfredo Guimarães o insigne creador do charlatanismo literário contemporâneo. Esse cavalheiro escreveu no órgão afonsista o seguinte:

«Ambiciosos sem critério, políticos sem estofa, desorientados sem sequer o prestigio ainda respeitável da boa fé, chamam à liça, apressadamente, esses elementos perversos—sem principios e sem crença—das antigas herdadas politiqueras da provincia. Assim, se tal recrutagem vingasse, a república tomaria o veneno mortal por suas próprias mãos de ingenuidade».

Lendo eu esta profecia de Alfredo Guimarães, logo retorqui como devia demonstrado claramente que Alfredo Guimarães não reparava que, quem assim procedia, convidando elementos perversos, era precisamente o seu partido, aquele a que sua senhoria está dando o esforço do seu grande talento e do seu alto génio.

Como respondeu Alfredo Guimarães ao meu argumento?

Em vez de provar, se é que o podia e sabia fazer, a verdade da sua afirmação, chamando ambiciosos políticos, etc., a quem nunca o poderia ser, sem licença do Sr. Afonso Costa, Alfredo Guimarães vem dizer em público, talvez pretendendo expôr-me às vaías da multidão demagógica, que eu tinha dado o meu voto a uma pessoa de familia e me tinha incorporado numa festa religiosa.

Os dois crimes horrendos que Alfredo Guimarães foi escolher para me atacar... Sim, Alfredo Guimarães, é certo que até hoje, até estes meus 28 anos, só uma vez fui votar em eleições politicas. E da mão de meu tio recebi a lista do voto. E' certo que tomei parte em festas religiosas, na minha querida aldeia que profundamente amo, e religiosamente venero. E' certo. E desses actos não me envergonhei e nunca me envergonharei. Olhe o Alfredo Guimarães para todos os actos da sua vida pública e particular e veja se pôde dizer como eu—não me envergonho do meu passado! Veja se assim poderá falar.

O meu nome e o seu nome são de sobra conhecidos nesta terra de Guimarães para que preciso seja estabelecer confrontos.

Você podia até, ter dito já, o que eu sou, não ficando suspenso como ficou, no final da sua encantadora proza. Refere-se Alfredo Guimarães à minha reprovação no concurso que fiz para a tesouraria da Câmara, dizendo que esse lugar foi dado a quem melhor do que eu podia cumprir essas obrigações. A acta da respectiva sessão é elucidativa. Procure-a e veja o que os senhores vereadores lá mandaram escrever.

Enquanto a competências direi a Alfredo Guimarães que fui durante um ano tesoureiro da Misericórdia de Guimarães, cargo que por eleição tomei, sem caução, sem outras garantias além do nome honrado da familia a que pertenço.

E note Alfredo Guimarães que pelas mãos do tesoureiro da Misericórdia, passam perto de 30 contos de réis.

Mas para quê, falar mais nesse senhor?

No seu artiguêlo dá umas navalhadas noutra pessoa que não sou eu. Essa pessoa se defenderá.

Governe lá pois a sua vidinha, que eu, vivendo do meu trabalho honrado que toda a gente vê, cá vou seguindo o caminho que o

meu espirito me indicar sem me cauzar móssa o palavreado dos que no jornalismo e na literatura outra coisa não sabem fazer que, pretender *épater le bourgeois*.

Para terminar e de vez, com a contenda, direi que, A. L. de Carvalho e Alfredo Guimarães vão amanhã atirar cá para fora com mais pantominices e mais charlatanices próprias do seu feitio.

Eles não perdoam, do Olimpo afonsista, em que se collocaram que *outra voz mais alta se levante*, e daí...

Portanto, agora, tudo é de esperar das suas penas. A. L. de Carvalho... Alfredo Guimarães... São, positivamente, alguém.

Rodrigo Pimenta.

A CAMBADA

Uma gazeta digna de refrete

Finalmente, despertando do *expressivo* torpor que a subjugação, soergueu-se, com ares de refilona, a *cambada*, que, em tôscas frases escritas no seu *Trapo*, nos deseja alvejar.

Incoerente como sempre, visionária em excesso, essa lunática corja procurou salpicar-nos com a lama do seu impudico carácter, não se lembrando que sempre que vimos aproximar de nós tam conspurcadas almas, nos desviamos com náuseas que nos causa esse acervo de espurcicias.

Pretende elevar o seu órgão ao alto mister de educador, sem querer reparar na irreverência das suas palavras que, a todo o instante, vomita no sórdido papel, indo nós, que jamais ousamos afirmar um caso que assim não seja, apresentar à apreciação dos nossos leitores um naco da imunda prosa contida nesse esterquilínio, apesar da repugnância que nos causa o termos de transcrever, para o nosso jornal tal porcaria; mas, move-nos o desejo de pôr em guarda os chefes de familia onde o *Trapo* ainda tenha entrada.

Em 25 de Janeiro de 1912 e no n.º 62, publicava esse foco a seguinte local:

As toleradas

Um colega local, o «Imparcial», chama as atenções da policia para umas criaturas que à boca duma viela, a abrir para a rua da República, tomam todas as noites posições à espera... de quem lhes alugue o corpo. Crenças e concordos com a necessidade de conservar em bairro à parte «as filhas da desgraça», etc.

Leram? Agora digam-nos os honestos caracteres que consideração ou valor moral poderão ter todos aqueles que rabiscam na nefanda gazeta, e que, sem escrúpulos, trazem a público locais onde revelam pouca vergonha e o desprezo pelo decôro que devem ter perante a sociedade!

E é um nauseabundo papel como este, que, querendo morder-nos, infiltrar-nos o virus da sua venenosa pena, desejando referir-se a nós, diz, entre outras coisas, o seguinte:

.....discutir com certa cambada (sic) era funesto erro, e erro que se desdobrava em desprestígio para um jornal que quer cumprir a sua missão educativa (sic)

Têm pilhas de graça estes cínicos!

Um jornal que quer cumprir a sua missão educativa!!

Que excelentes educadores estes que redigem locais em tais termos que fazem corar a menos pudica donzela a quem, por infelicidade, vá pairar à mão um exemplar desse papel.

Ah bom marmeleiro!

Citem-nos esses marmanjos, esses educadores de contrabando que acham desprestígio discutir com quem lhe é superior em moralidade, quais os números do nosso jornal em que haviam sido

dados à luz da publicidade, escritos como o que acima transcrevemos!

Contestem-nos esses pantomineiros, se são capazes, a honra de possuírem um jornal em que só a moral e seriedade preside aos seus artigos.

Esses *bélicos heróis de fábula*, que, encimando um pedestal de lama, arremessam dardos inflamados de ódio contra quem ousa pôr um dique à torrente inintermitente de sandices que vomitam, querem ver nos outros os defeitos que maculam o seu já torpe carácter.

Cega-os a vaidade de se julgarem uns seres sobrenaturais, quando não passam duns estouvados, duns charlatães, duns indecentes e reles escrevinhadores.

Parlapatões em extremo, esses bolas de que se compõe a corja que com a sua desorientada pena, deslustram a Imprensa, êsses petimetres que, enfatuados pela invejável glória de serem o desprestigiado comandante da orda de miseráveis que por aí campeia e a que eles pertencem, na chefia, chamam a si a honra de educadores quando não passam duns famigerados e pobres desmoralizadores da humanidade.

Aos chefes de família, que tenham escrúpulos, cumpre arremessar para o barril do lixo essa sebenta gazeta que desonra a sua pousada.

Grande número de indecências se encontram espalhadas pelo *trapo* que nos abtemos de tornar público, tal o asco que nos provocam, e agora, que tornamos bem clara a forma indecorosa como tem sido dirigido o *papeluxo*, perguntamos aos *celebrísimos* escritores e de qualidades moral possuem para nos quere-rem julgar?

Respondam? Digan-nos mais: quem deve ter uma *honestas e superior reserva de escrúpulos*, em descer a terças armas com tam desqualificada *gazeta*?

Nós, que sempre temos trilhado o caminho da honra; nós, que não permitimos nas colunas do nosso jornal palavras que possam ofender o pundonor de quem quer que seja.

Os reles escrevinhadores do *trapo*, êsses imundos reptis que com a sua venéfica baba pretendem sujar todos aqueles que não bebem da taça ludibriosa do afonsismo, esses manequins que filia- dos estão no partido onde se encontram ratoneiros, a gente da mais ínfima espécie querem arrogar a si o título honoroso de educadores quando necessitam de ser educados.

Desordenados cérebros que não tem a noção completa do que fazem, (o que os obriga muitas vezes a terem de se desdizer em público do que afirmavam antes), descem, sem pejo algum, à desqualificada condição de insultadores de mortos que só de nós devem merecer respeito; seres sem dignidade que não sustentam as suas palavras logo que uma face grave e ameaçadora lhes surja pela frente.

São dêste quilate os nossos detractores, êsses modernos ministrantes da educação.

Mais há para dizer, mas ficará para outra ocasião.

Pelo que fica dito já o público poderá estabelecer uma comparação entre nós e os nojentos colaboradores do *trapo das quintas-feiras*.

Emprazando o TRAPO

No seu último número vem o *Trapo* queixar-se dos nossos processos jornalísticos, chamando-nos nomes feios porque nós temos tido sempre a coragem precisa de encarar com altivez as coisas como devem ser encaradas e de não nos rendermos às ameaças que, mais dumas vezes, nos tem sido dirigidas.

Os nossos processos tem sido muito diferentes daqueles que o *Trapo* usa e nunca fomos ao ataque servindo-nos de casos meramente pessoais sem ramificação comum, mentindo demais a mais como o *Trapo* tem feito.

Agora porque a isso somos obrigados, vamos usar dos mesmos processos que o *Trapo* emprega no ataque pessoal, só com a diferença de que desprezaremos a mentira, como arma infame que é, e de que o *Trapo* faz tam belo uso, o que lhe fica mesmo a matar.

Não precisaremos de fazer *notas falsas da policia* porque temos aqui à mão um cabaz de informações, que iremos tirando à sorte, à medida que nos forem precisas.

Seremos ainda mais benévolo do que o *Trapo* porque, tratando-se, como não podia deixar de ser, de gente da sua grei, dar-lhe-emos o tempo necessário para se informar e identificar-se com a antecipação de que sómente nos servimos de *casos autênticos* que nos são garantidos por pessoas de respeitabilidade e damos-lhe ainda o direito de historiar a *seu modo* esses casos primeiro do que nós.

Por hoje emprazamos o *Trapo* a dizer-nos no próximo número:

1.º

Visto que muito bem o deve saber, quem foi que escreveu uma carta ao sr. Alferes Teodorico Ferreira dos Santos, quando aqui exerceu o cargo de administrador do concelho, denunciando-lhe o sr. dr. Henrique Cardoso Martins de Menezes, como suposto conspirador, porque frequentava a casa do Vieira de Castro, e aconselhando-lhe a sua prisão?

2.º

Quem foram e em que estado se encontravam uns indivíduos que uma noite, há tempos, passando pela Senhora da Guia, *embicaram* com uma pipa vasia que havia conduzido azeite para o negociante sr. Américo Joaquim Rebelo e que este sr. tinha junto da sua porta, e a fizeram rebolar pela Senhora da Guia abaixo, não levando uma carga de cacetada dada pelo sr. Rebelo porque outro indivíduo interveio?

Se o *Trapo* não souber quem foi, nós sabemo-lo muito bem.

DOS JORNAIS

O Socialista:

«Um país que tem como deputados Sás Pereiras e, como vereadores do primeiro município do país, homens como alguns, que últimamente foram nomeados, é um país moribundo, moral e intelectualmente falando.»

Certamente o sr. Pedro Muralha, director do «Socialista», quando pegou na pena não se lembrou da sumidade afonsina, senão nunca teria escrito que o país está moral e intelectualmente moribundo. O sr. Afonso Costa, o grande estadista que, no prazo de cinco dias, deu no *déficit* um corte de cinco mil contos aproximadamente e com uma penada transformou (!) radicalmente as velhas e queridas tradições que caracterizavam este bom povo, *prócul dúbio* não permitirá o mal avance a pontos de causar a morte ao enfermo que o sr. Muralha reputa irremediavelmente perdido. Não, s. ex.ª, embora tenha de ir às profundezas do Inferno buscar os elixires redentores, não consentirá que, em sua vida, o enfermo estique o pernil; pois que, tal realizado, perdia a nomeada que, entre os povos cultos, com o seu talento fulgido grangeou;

e, com certeza, s. ex.ª isso não quer...

O Diário de Notícias:

«Está sendo muito comentado nesta cidade (Figueira da Fóz) o facto de a junta de paróquia de Buarcos ter cedido a antiga igreja de Santa Cruz para ali se realizar um baile de máscaras no dia de Entrudo. Efectivamente o facto é digno de reparo, tanto mais que naquela localidade havia muitas outras casas, até em melhores condições, para tais festas. Dizem-nos que o padre da cultural também tomou parte no baile, mostrando ser um bailador de primeira ordem.»

Faltou dizer que tal foi a orquestra?... Necessariamente, para que dissesse a letra com a careta, tinha de ser dança obrigada a pandeiro, como para cá a do urso... Para ela não há instrumento que quadre melhor! Mas no meio de tudo isto, quem se ri a bom rir é o papa português, S. Int. Af. Costa.

Os Ridículos:

«Um negociante daquela cidade (Tomar), homem de bem e respeitável, como não sympathiza com esta droga das escolas sem Deus nem Religião, foi pôr uma filha sua num colégio em Espanha. Como o sr. Af. Costa pôs os seus filhos na Suíça, como outros os põem em França, na Bélgica, etc., etc.»

Cremos que todos tem o direito de mandar educar os filhos onde lhe apetece e entendem. Pois por causa disso, os democráticos e livres pensadores, numa noite destas, em grande matula, foram à morada do sujeito, partiram-lhe os vidros, apuparam-no, fizeram uma algazarra medonha.»

E' que liberdade, enquanto fôr director desta choldra o sr. dr. Af. Costa, só a terão os seus dilectísimos apaniguados e amigos: os democráticos e livres pensadores. Os outros chucharão no dedo e estarão sujeitos a todas as *amabilidades* de que eles e seus *beneditos* chefes forem servidos... Olé!...

O Dia:

«Continuam em Londres, em missões officiais, êstes cidadãos:

- O sr. Teixeira Gomes
- O sr. Eusébio da Fonseca
- O sr. Batalha Reis
- O sr. José de Almada.

Quatro, *pelo menos!*»

Soberbo e encantador tudo isto! Assim não pode, nem deve, haver dúvidas de que o *déficit* sofra a poda... salvadora...

Com estas lindas economias até é provável que, em vez de quatro mil e tantos contos, se venham a poupar quatro mil e tantos... zetos de... centavos ou escudos...

Altos, inacessíveis, sapientísimos, os cálculos de s. ex.ª!!!!... Só o colega cá da casa, como participante de tam invulgares e sublimes dotes, é que nos poderia apresentar *quaisquer* soluções, queríamos dizer, explicações, sobre tal assunto...

O Socialista:

«Lemos nos jornais da noite a resposta sêca e brutal que o sr. ministro do Fomento deu aos operários sem trabalho, quando a comissão por eles nomeada instava pela sua colocação nas obras do Estado.»

Sua ex.ª, que é administrador geral dos correios, com o dóbro do ordenado que o seu antecessor tinha no tempo da monarquia, pois

na reforma que fêz nos serviços dos correios, que ficaram pior do que estavam, talhou larga fatia para si, esquece-se de que há quem não ganhe contos de réis, e tenha fome; sim, tenha fome e não tenha onde trabalhar para ganhar o sustento para si e para os seus.

Pois não há verba, sim, não há verba para os operários, mas há verba para a enorme legião de tubarões e parasitas, que ganham, não 600 ou 800 réis como um operário ganha, mas 4, 5 e 6000 réis diários.»

Até parece o palavriado dos jornais republicanos no tempo da monarquia! Então, era a desigualdade, a ilegalidade, a rouba-lheira, etc., etc. que campeava; hoje é... a moralidade e a igualdade!... O cinco de Outubro sempre operou cada maravilha! Mas chamem-lhe, agora, tiranos, déspotas, ladrões, e verão que sorte os espera, apesar de na Penitenciária haver uma só cela vaga! Tempos! Tempos!...

As Novidades:

«Era uma e meia hora da tarde quando ao passar pelo Aljube vi um negro carro celular. Parei um pouco, e, então, observei que se tratava de transportar a descendente de Vasco da Gama ao tribunal de guerra para af ser interrogada.»

Não podia ser mais edificante o espectáculo.

A' porta, esperavam sua Mãe e Irmã e poucos momentos depois vi que se abriam as grades de ferro, aparecendo a bela figura de D. Constança Teles da Gama, nobre por quem descende, generosa e grande pelo bem que pratica, e que era seguida pelo seu advogado.

Beija as duas senhoras que a esperavam e, de uma maneira digna de menção, dirige-se ao carro celular e impávida e altiva, nêle entra, encerrando-se logo aquela masmorra ambulante.

Extraordinariamente comovente tudo isto!

Nem a generosidade nem a consideração pela mulher houve da parte da República.

Onde é que está a generosidade do partido democrático? Onde está a lei? Onde estão as campanhas contra as leis de excepção? Tudo se esqueceu.

Primeiro que tudo preciso elucidar o público porque deu entrada no Aljube essa bela figura de Mulher.

Como eu, tem D. Constança Teles da Gama um respeito especial pelos presos politicos e por ser generosa para com eles foi levada para a prisão.

Tem ela simplesmente socorrido os presos politicos? Não: tem sido generosa para com todos.

E dito isto pergunto: como é que, sem se saber ainda se um preso irá ou não responder, se haverá ou não provas de que delinuiu, se envia ao tribunal num carro celular? De certo não por generosidade.»

Isto é que o há de mais revoltante e abominável! Porque uma Senhora, nobre por linhagem e nobilíssima pelas suas excelsas e lídimas virtudes enxuga as lágrimas de tantos inditosos que gemem sob os ferros de hediondas masmorras, a república, que não pode ver vicejar, encantadora e bela, a bendita e santa caridade cristã, encerra essa mensageira do alívio e da resignação nas mesmas prisões e passeia-a *fechada num carro celular* como se fôsse uma criminosa nefasta e repugnante!

Como chora e sangra, de indignada e ferida, a alma dos portugueses!...

Como é triste e desolador, ter o estrangeiro de attribuir esta ignominiosa afronta a um povo generoso e bom!...

João Franco

Passou no dia 14 do corrente o aniversário natalício do sr. João Franco que, desterrado da sua pátria, se encontra em Biarritz.

Comemorando esta data porque tratamos, não de um politico, mas de um homem que teve e tem nome mundial, transcrevemos para aqui a apreciação de Michelet sobre Turgot, que o insigne escriptor Ramalho Ortigão adaptou ao sr. João Franco:

«E' um selvagem, desageitado para as cortesias palacianas, sem brilho pessoal que desperte emulações ou invejas. Não quer nada para si. E' um trabalhador terrível. O rei aperta-lhe a mão. Adopta incondicionalmente o seu plano de governo. Promete-lhe ter coragem. Ambos se enternecem. Quanto à sua politica, propriamente dita, quem a saberá? Quem ousará dizer o que êle faria se durasse? O seu ministério foi evidentemente um prefácio. O seu defeito é um ardor descomunal e selvático. Foi um tirano, um déspota, quasi um rei. O seu trabalho, a sua rigidez impôs-se de tal modo ao rei e aos ministros que teve carta branca para fazer o que quis. Quis fazer em três anos tódta a sua revolução, e tentou realizá-la demasiadamente à pressa: reformas económicas, reformas politicas, reformas municipais, refundição da instrução pública, severo regimen de contabilidade, supressão de adeantamentos e de antecipações orçamentais, todas as portas do favoritismo do estado implacavelmente cerradas não só á influencia dos politicos, mas até ao prestigio das senhoras. Para curar as chagas sociais êle principia por as pôr à vista: descaroamento contra o qual os feridos oportunamente invocam a sensibilidade das almas delicadas e compadecidas. Ousa levantar a vista para a organização e para o regimen tributário da casa real. Foram tais os gritos que não se prosseguiu. O parlamento intratável, resistindo ás reformas mais úteis, deu-lhe o primeiro golpe. Então se constituiu a liga geral dos seus inimigos, e se fechou em torno dele o círculo do odio. Fizeram-se todas as pressões sobre o animo do rei. Era forçoso enforçar o déspota. Tudo o hostilisa. São todos toureadores, êle só o touro. Um amigo diz-lhe: Serenidade, prudência! Não é o amor do bem público que tu tens, é a raiva. (Impulsividade, vesania, epilepsia.) Ele responde:—«Dutarei pouco». —E' manifesto que ninguém está contente, nem sequer o próprio rei, que se mostra aprensivo e sombrio. Ele quereria sobretudo ser amado. Ao amor do seu povo, sinceramente, honradamente, se consagrara, e o povo não lhe tributa senão desgosto. Contraste curioso: o estrangeiro admira, e mostra-se convencido de que o país encontrou pela primeira vez um homem que o dirija.»

Festa da árvore

Realiza-se hoje, a convite do professorado primário, pelas 10 horas da manhã, uma nova reunião das entidades que foram convidadas para a primeira reunião, e no mesmo local, para se assentar definitivamente na realização da *festa da árvore*.

Informam-nos que é já ponto assente que ela terá lugar no Campo do Salvador (Cano) e que tocará durante o acto a banda regimental.

A casa que mais sortido tem e que mais barato vende Bicicletas acessórios, fazendas, miudezas, modas, perfumarias, bordados a péso, panos para enxovais, guarda-sóis, etc., é a LOJA DO BENJAMIM —Teural, 105.

Interesses no Brasil

O Escritório de Direito Internacional, à rua de Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brasil, advogado do Banco Aliança do Porto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interesses de portugueses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Porto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral, — rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encanações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.
GUIMARÃES

COMPANHIA DE SEGUROS A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000\$000

Telefone n.º 2460 — Enderêço telegráfico: LARPOPU

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães—PIMENTA & C.ª

Com estabelecimento de fazendas brancas, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

ATENÇÃO!

Só na Sapataria Académica à Rua Dr. Avelino Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o calçado mais bem acabado, e por preços que ninguém ousa competir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do quanto se afirma neste anúncio.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-externos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luís Gonzaga Pereira.

FOTOGRAFIA MODERNA

— Rua de S. Dâmaso, 10 —

GUIMARÃES

Nesta acreditada fotografia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos fotográficos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, sais de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer fotografia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda. Admiráveis retratos reclame, a 400 réis a meia dúzia.

Belas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia dúzia.

Postais fotográficos, a 900 réis a dúzia.

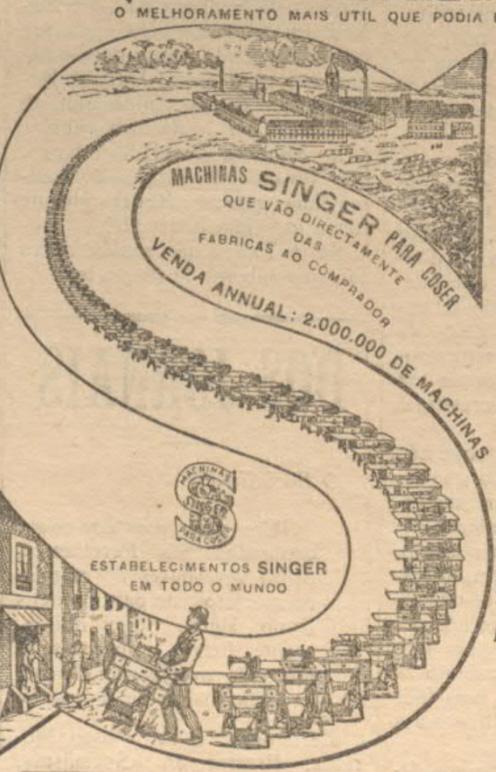
Ampliações inalteráveis de 50 centímetros, a 1\$500 réis.

Esta fotografia possui um excelente material, o que há de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a máxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem aumento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o único com quem ninguém pode competir em preços e perfeição.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURACÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis — GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha		Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Sem estampilha	Ano 1\$200 rs.	Repetições, por linha	20 "
	Semestre 600 "	Permanentes, contrato convencional.	
Pelo correio	Ano 1\$300 "	Reclamos, no corpo do jornal, até	
	Semestre 650 "	5 linhas, cada um	100 "
Trimestre	400 "	Anunciam-se as publicações que o mere-	
Estados U. do Brazil (ano)	1\$800 "	çam, mediante um exemplar gratis.	
Países da União Postal	2\$400 "	Anúncios, não judiciais, para os srs. assi-	
Número avulso	30 "	nantes, 25 % de abatimento.	

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesse

GUIMARÃES

O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 36

Ex.º Sr.